

Triste saga dos velhos pioneiros

Sonho da Nova Capital, para muitos, não serviu para melhorar

MARTA CRISOSTOMO
Da Editoria de Economia

Ao completar 27 anos, Brasília não pode deixar de lembrar daqueles que a construíram no começo de sua história. Uma história que passa principalmente pelo Núcleo Bandeirante, o primeiro acampamento e onde até hoje moram muitos desses pioneiros. Em comum esses homens têm uma vida de muito trabalho e amor pela cidade que viram nascer.

Chuva despertava às 4h

E fácil encontrar a casa de Aristides Ramos Vasconcelos, na Vila Metropolitana do Núcleo Bandeirante: é a mais feia da rua. Ele mora num barraco de madeira com uma das filhas, aos 87 anos. Chegou em Brasília no dia 12 de fevereiro de 1957, por acaso. Na época, Aristides encontrou um acampamento cujos barracos eram feitos de dormentes e cobertos precariamente. A chuva ajudava a acordar os trabalhadores às 4h da manhã para a jornada diária, que não tinha hora para terminar.

Seis dias após a chegada os trabalhadores foram transferidos para um alojamento na Candangolândia. Aristides tinha então 57 anos, e vinha de Franca, São Paulo, onde era garimpeiro. Forte, ele pegou no pesado: trabalhou nas estradas e no desmatamento para construção do lago. Após algum tempo, ajudou na construção do acampamento da Companhia Metropolitana, já como carpinteiro.



Aristides, dono da casa mais feia de sua rua

Apesar de todas as mágoas e adversidades.

O CORREIO BRAZILIENSE foi até o Núcleo Bandeirante e registrou a história de três desses homens. Dois deles vieram para a Capital Federal com mais de 50 anos, atraídos pelas promessas de muito trabalho e condições de vida que compensassem o sacrifício. A realidade, porém, não foi bem essa. Alvino ainda hoje ajuda o filho em uma mercearia da cidade e Aristides mora na casa mais feia de sua rua.

teiro. "Os barracos daqui sempre passavam por minhas mãos", lembra. Na época, a turma de 40 carpinteiros de que fazia parte construiu 75 casas em dois meses. Depois, Aristides aprendeu o ofício de bombeiro, ajudando na instalação de água encanada. "Foi bom para mim, que aprendi uma profissão e deu para ganhar algum dinheiro".

Hoje, com problemas no coração, Aristides ainda faz alguns serviços, quando a saúde permite. Quando fez 70 anos, ele foi trabalhar como servente à noite em um prédio na Asa Norte, lavando o chão. Mas não era o que ele queria, e se aposentou, recebendo apenas Cz\$ 70,00. O ancião foi à justiça, brigou e passou a ganhar "um salário de Cz\$ 300 a 400".

Aristides, que mora com a segunda esposa, diz não esperar mais nada da vida. Não tem mágoas de Brasília, "até gosto muito daqui". Mas faz restrições às novas gerações.

FOTOS: EUGENIO NOVAES



Alvino e suas recordações: faltou "administração"

Alvino escapou de tiroteio

Aos 82 anos, Alvino Wanderley Passos se ocupa hoje de uma mercearia e bar juntamente com o filho João Mariani, no Núcleo Bandeirante — onde chegou em 1957. Alvino é um dos milhares de trabalhadores que vieram construir a Capital Federal e que hoje, aposentado, continua morando no Núcleo, sem nunca ter residido no Plano Piloto. Ele tem uma certa mágoa disso e acredita que se a administração "tivesse um bom raciocínio" os trabalhadores daqueles tempos não estariam "jogados pelo DF", como estão.

Ao chegar em Brasília, já com 52 anos, vindo de Anápolis, Alvino encontrou um acampamento da Cia. Metropolitana (uma das firmas construtoras), formado por barracos de trabalhadores, e muita poeira. "Eu saía pelos campos, pelo cerrado, e tinha medo de onça me comer", conta. Da aventura de construir a capital participaram três dos filhos de Alvino, numa situação de trabalho "de grande miséria".

O pioneiro trabalhou como apontador fiscal da Novacap. Assim, participou de obras no Plano Piloto, da abertura de estradas, de urbanização etc. Ele conta que seu trabalho quase lhe custou a vida, numa das vezes, quando estava no acampamento da Pacheco Fernandes (Vila Planalto). Lá, em 1961, houve um tiroteio que custou a vida de inúmeros trabalhadores. O episódio, envolvendo a Guarda Especial de Brasília, foi abafado.

Para manter sua família, Alvino abriu um café no Plano Piloto, quando trabalhou na DTOI a antiga Telebrasil. Depois, ele e os filhos conseguiram comprar um pequeno barraco no Núcleo Bandeirante, que até

hoje abriga a mercearia da família. Após passar pelo DTOI e pelo Palácio do Planalto, Alvino se aposentou pelo Ministério da Fazenda hoje, apesar de ter uma casinha da Shis em Taguatinga, prefere morar no Núcleo. A casa está com um dos 10 filhos. Alvino tem 20 netos e seis bisnetos, espalhados pelo DF.

A história da casa no Plano Piloto entristece seu Alvino. Ele conta que estava para conseguir sua casinha na W3 Sul, através do ministro da Fazenda da época, Clemente Mariani, quando o presidente Jânio Quadros renunciou. Outra coisa que o deixou sentido é lembrar "as malandragens das chefias". Alvino, entretanto, não conta qualquer caso de corrupção explícita, mas afirma que "dos boatos sempre soube".

Ele lamenta ainda não ter vindo antes para o DF, por causa da morte de sua primeira esposa. O pioneiro conta que estava no Rio de Janeiro quando o projeto de Brasília foi aprovado e chegou a fazer planos para a Capital Federal. A morte de sua primeira mulher, porém, o deixou abalado por algum tempo. "Se tivesse vindo antes, estaria bem". Alvino guarda boas lembranças de Bernardo Sayão, que foi quem o colocou em Brasília.

Dos problemas da cidade, que conhece há 30 anos, Alvino prefere não falar. Ele esperava que houvesse melhora na vida dos trabalhadores que vieram para cá, que a população fosse amparada, tendo condições decentes de vida. Segundo ele, a maioria dos pioneiros de seu tempo está amparada, mas não vive bem. Apesar das adversidades, Alvino é um ancião conversador, alegre lúcido e bem disposto.

Tempo de poeira e muito trabalho

Mário Dutra chegou em Brasília em 1960, para "ganhar o pão". Ele trabalhou como apontador fiscal da Novacap (fiscalizava as máquinas, apontando o serviço que essas realizavam) na barragem e na rodoviária. Vindo de Planaltina, estabeleceu-se no Núcleo Bandeirante, onde mora até hoje. "Eu queria morar no Plano, como todo mundo, mas nunca tive dinheiro para isso. Já fiz um monte de inscrições na Shis, mas nunca deu jeito", afirma ele.

Hoje, aos 61 anos, Mário é servente na Fundação Zoobotânica. Após sair da Novacap, ele trabalhou no Ministério das Comunicações, por onde se aposentou por decreto do presidente João Figueiredo. Mário se lembra de seus primeiros dias de Brasília como de muito trabalho, desconforto e poeira. Mas ele não se arrepende de ter participado da construção da capital. Ele se preocupa no momento é com a construção de sua nova casa, em lugar do barraco onde vivia.



Mário sonha com casa nova

Quem chegou cedo teve grande chance da vida

Os 27 anos de existência de Brasília foram construídos com a dedicação e ajuda de inúmeros brasileiros, que começaram suas vidas vindo para a nova capital à procura de oportunidades. Estas pessoas são hoje conhecidas como os pioneiros da cidade, que assistiram de perto o progresso de Brasília, podendo também crescer individualmente, tornando realidade a mudança da capital. Entre eles, o sentimento de vitória é freqüente, pois não há aquele que classifique de fracassante a odisséia de ter participado dos planos de Juscelino Kubitschek.

A alma da cidade, para Cesar Prates, um dos primeiros moradores de Brasília, se encontra no Catetinho — palácio de madeira construído inesperadamente pelos amigos de Juscelino Kubitschek, onde trabalhavam os encarregados da construção da cidade. Lá, segundo ele, nasceu Brasília e o espírito de luta e união dos trabalhadores que vieram para o cerrado. Como idealizador do Catetinho, Cesar Prates se sente um pouco "pai" da cidade, pois foi com esta iniciativa que "Brasília foi pra frente, tendo no início pelo menos um abrigo decente para acolher os trabalhadores", lembra ele.

Amigo de Juscelino desde 1934, Cesar Prates gosta de recordar o espírito de luta do presidente na construção da cidade. Segundo ele, Juscelino não encontrava dificuldades em nada que fazia, tornando a construção da capital um trabalho fácil. Contudo, os planos traçados para Brasília, afirma ele, com o passar dos anos foram deturpados, estando hoje a cidade totalmente descaracterizada. Para ele só falta construir indústrias pesadas na periferia da Capital, para que todo o trabalho realizado pelos pioneiros seja desfeito.

Mesmo assim, Cesar Prates ainda vê beleza em Brasília, considerando-a como "uma das cidades mais lindas do mundo". Para ele, os que viram a cidade crescer não conseguem deixá-la devido à sua grandeza.

Um outro pioneiro que encontra-se "desgostoso" com os rumos tomados por Brasília é o presidente do PFL e um dos primeiros engenheiros a trabalhar na cidade, Osório Adriano. Para ele, as últimas administrações da capital preferiram ouvir os ouvidos às queixas das pessoas a defender a cidade da descaracterização. Segundo ele, é necessário que o Governo se prenda mais ao "espírito pioneiro" dos primeiros moradores da cidade na hora de determinar um novo caminho para Brasília.

Osório Adriano veio para Brasília em 1957 a convite de



Osório Adriano

uma multinacional encarregada na construção das estruturas metálicas dos ministérios. A partir deste trabalho, ele se lançou à iniciativa privada, erigindo um dos primeiros empreendimentos de sucesso na cidade. "Eu aproveitei as oportunidades oferecidas com o início da construção de Brasília, movido pelo entusiasmo de vencer na vida, para fixar definitivamente minha residência na cidade", lembra ele. Naquela época, acrescentou, não havia diversão, lugares para passear com a família, apenas espaço para quem estava interessado em trabalhar. A vida dos pioneiros, resume Osório Adriano, era o trabalho e o espírito de luta, pois a cidade exigia muito dos primeiros moradores.

A sua grande contribuição à cidade, afirma Osório foi o "sacrifício de sua juventude", pois com apenas 27 anos ele resumiu a sua vida ao trabalho. Entretanto, nem todos que se dirigiram à capital vieram em busca de oportunidades financeiras.

Um bom exemplo de espírito idealista é o de Adirson Vasconcelos, que chegou em Brasília motivado pela celebração da primeira missa, ocorrida em 1º de maio de 1957. Como jornalista, lembra Adirson, seu interesse por fatos históricos era grande.

No início, suas visitas a Brasília foram marcadas pela sua curiosidade jornalística, contudo, em abril de 1960 ele fixou residência na Capital para fundar a Agência Meridional, vinculada aos Diários Associados. Desta data em diante, seu interesse pela cidade cresceu, fazendo com que ele escrevesse 11 livros, tendo como assunto a criação da Capital. Para ele, o sentido de Brasília está na integração do País, pois foi com a construção da cidade, lembra, que o interior do Brasil foi mais explorado. Atualmente, Adirson vê na cidade inúmeros problemas, contudo "todos facilmente contornados". Ele acredita que Brasília está passando por problemas vividos em demais cidades brasileiras, não comprometendo sua beleza.